N.º 65 (2.º) (187) 4.º ANNO Terça-feira, 6 de Fevereiro de 1912 Preço 20 Rs.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas OFFICINAS DO ZÉ
Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º

Successor do jornal O XUÃO Redacção e administração, R. do Poço dos Negros, 81, 1.º

A CABRA CEGA

Andamos ha que tempos n'este jogo, vamos a vêr agora se acaba de vez...

O ZÈ

Tambem caiu nas garras do lapis encarnado da negregada censura, e então, que era uma pagina sensacional.

Como a rolha não é eterna, desembucharemos logo que ella rebente e então apreciarão a bella pagina que lhe davamos!

Creia o amigo Zé povinho, que estamos fulos e fartos de tanta asneira sem proveito.

Irribus!!!

*

*A empreza d'***O Zé***, julga-se dispensada de se justificar pela saida do seu jornal na quinta feira ultima, porque os acontecimentos bem lamentaveis, a isso a forçaram e obrigaram a sacrificios e despezas grandes. Ao menos, ainda se salvou o regimen da investida dos seus rancorosos inimigos que, acobertados pelo movimento dos operarios, pretendiam derrubar a republica.*

Que todos nos desculpem a falta involuntaria e que factos similhantes senão repitam são os nossos votos.

Do Quartel General da 1.ª Divisão do Exercito recebemos a seguinte circular:

Serviço da Republica

Ex.mo Sr.—Por ordem de s. ex.ª o general commandante da 1.ª Divisão Militar de Lisboa, communico a v. ex.ª, para os fins convenientes, que as redacções dos jornaes que se publiquem n'esta cidade deverão mandar todos os dias, com a devida antecedencia, a este commando, um exemplar do seu jornal, a fim de ser submetido ao seu exame, e sem o qual não poderá ser publicado.

Esta determinação revoga a anterior resolução de sua ex.ª tomada sobre o mesmo assunto.

Saude e Fraternidade.

Quartel general da 1.ª Divisão do Exercito e Governo Militar de Lisboa, 1 de fevereiro de 1912

O chefe do Estado Maior

João Pereira Bastos (major)

O documento que trancrevemos é eloquente em demasia para que necessitemos dizer dos motivos que forçam a empreza do jornal *«O Zé»*, a retêr a publicidade do jornal *«O REVOLTADO»*. Mais um caso em que o silencio é oiro do mais fino quilate.

♣

Fitas corridas

Que ha que se coma?

Gréve com arrôz, gréve de caldeirada, ás iscas, com ellas e sem ellas e sobretudo gréve com môlho á hespanhola.

O menú não é mau, mas falta qualquer coisa: gréve de escabêche.

Pois vamos nós fazer o escabêche, que os tumultos da semana bem merecem um boccado de paródia, duas ou três linhas que sejam.

Partamos d'um principio claro e indispensavel: a gréve é um direito. Mas... partâmos d'outro ainda: a liberdade de trabalho é tambem um direito.

Ora, agóra... viras tu e começamos nós.

E' já phenomeno antigo: quando se embrulham dois direitos sáe invariavelmente um torto. Logo não admira que do dia 28 para cá, andasse tudo n'uma dança, movendo-se pés e mãos, chanfalhos carabinas n'um desenvolvimento extraordinario.

Como o publico espéra decerto noticias sejam ellas quaes forem, com uma impaciencia que toca as raias... e os gorazes, pusémos em campo os nossos *repórters*, que são uns 54 e meio e mercê da sua actividade prodigiosa conseguimos apurar algumas novidades. Assim:

—Em primeiro logar sentiu-se a falta de carros electricos. Foi por isso, talvez, que pela baixa houve electricidade por uma pá velha. (Devemos avisar os leitôque esta ideia de electricidade, ás pás, aos kilos e em pó, será brevemente uma bella fonte de receita).

E com a electricidade vieram os choques... da tropa com o povinho, os curtos circuitos... para casa, quanto mais depressa melhor, os fios... dos sábres nas costas do cidadão, etc. etc.

Electricidade houve com fartura; carros, nem meio... isto é, meio houve, pelo mênos nas cabeças dos idiotas, pois, segundo disseram para ahi, fizeram um carro em dois!

—Notou-se bastante a falta de peixe, na semana passada. Mentira!

Houve *peixe-espada* até mais não podêr sêr, mas isso não influiu muito no equilibrio commercial, porque, n'este oceano de zaragata (não é piada ao oceano pacifico) o *peixe-espada* corre sempre em defêsa dos *tubarões*.

—Outra novidade sensacional: choveu muito.

Isso já nós sabemos, dirão vocês. Pois sabiam, mas o que certamente ignoravam éra isto: a chuva foi d'aquellas que não molham, d'aquellas que fazem buracos no fato e... ui! que arrepio!... fazem buracos muito redondos na nossa linda carninha.

Porém esta chuva cahio na devida altura ou fóra de tempo? Por um lado não foi má, porque havia por ahi menino grévista que estava mesmo *a pedir chuva;* por outro foi magnifica porque fez grelar certos individuos para quem a terra não é propicia.

—Houve bombas, rapazes! O que é piadético é que não houve incendios!

Eram bombas que ainda mais ateavam o fogo, quando afinal o papel da bomba é... apagar.

Tambem valha-nos isto: as desgraçadas pareciam bombas de pataco! D'uma sabemos nós que, quando explodiu, fêz os seguintes estragos:

Mosquitos mortos...... 3
Formigas com as
claviculas partidas...... 5,5
Aranhas desmaiadas.... 1

Somma...... Um vidro rachado.

Fracos lúcros para quem tivesse de... *dar á bomba!*

—Supenderam-se as garantias e esta *bucha* foi a mais perigosa!

Quem ganhou com ella foi o nosso alfayate que se fartou de apanhar dinheiro com o seguinte:

Suspensorios garantidos
(Piada á suspensão de garantias.)
Preço: *um centávo.*

Vendeu o producto que foi uma bellêsa!

—Sobre prisões, houve muitas, especialmente prisões de ventre... ou antes pelo contrario!

Prêsos ha uns mil e tantos que... d'aqui a oito dias estarão no meio da rua, se nada se provar em contrario.

De mistura com elementos perturbadôres e reacionarios, foram na leva honrados filhos do povo. Em compensação a fita das Trinas é o que vocês estão vendo. Isto é que nos enjôa! Ou não fosse o mundo tôrto... sem offensa ao França Borges.

—Agóra, para final da nossa maravilhosa reportagem, lá vae o *clou* da historia:

Os voluntarios fizeram servico devidamente fardados e municiados.

Esta nova causou-nos um boccado de mêdo, porque, sendo assim, os acontecimentos tomavam outra feição que a todo o transe convinha evitar, pois a pericia d'aquelles meninos é assustadôra!

Sãs uns bravos, esses herôes!

São valentes!

São uns têsos!

São uns guerreiros!

E sobretudo, são muito reinadios!

No meio d'este pagóde todo, houve uma coisa que nos encheu de satisfação: os voluntarios prestaram serviços, estando... guardados por forças do exército!

Ai! que vontade de rir!

*

Os *Sports Illustrados* publicam uma carta de *um seu leitor dedicado*, em que este cidadão ferra uma formidavel tunda nos maricas que infestam a cidade, enojando-nos com o aroma a homosexualismo que as suas roupas chegadinhas ao corpo evolam.

Nunca as mãos lhe dôam, caro senhôr. Esses patifes, quer do luxo, quer miseraveis, são a vergonha d'uma raça! Urge dar cabo d'elles e todos os meios servem, especialmente o marmelleiro ou o cavallo marinho!

Olhe, amigo: nós juramos á fé de quem somos que se algum d'esse *bichos* tem a ousadia de nos fazer fósquinhas, applicamos-lhe uma tareia que o magico ou fica completamente invalido ou vae parar com os ossos á Morgue!...

E todo o cidadão portuguez que se prése de têr uma pouca de vergonha na cara, deve usar esta receita!

Veriam como acabavam esses biltres!

♣

AI! TONTINHO

O novo ministro das colonias fartou-se de receber elogios no parlamento.

Sempre estás uma belleza d'homem, ó Cerveira...

●

AGITAÇÕES!

Dizem os jornaes que a semana passada houve agitações na Bolsa.

Por isso é que ao pé da *bolsa* andava tudo *tife-tife*...

♣

Universidade Livre

No ultimo domingo, 28 de dezembro, effectuou se no Colyseu da Rua da Palma, a inauguração da *Universidade Livre*, instituição de iniciativa exclusivamente particular, cujos intuitos são, por forma simplez e comprehensiva, ir espalhando pelas classes populares os conhecimentos scientificos, que constituem hoje o patrimonio e o mais bello galardão da humanidade, fazendo tanto quanto possivel, de cada homem um ser consciente.

A' sessão que foi extraordinariamente concorrida presidiu o sr. dr. Queiroz Velloso, director da Faculdade de letras da Universidade de Lisboa, que n'um discurso de abertura, explicou os motivos da reunião. Usaram tambem da palavra os srs. Alexandre Ferreira, em nome do conselho director da Universidade, homem que tem sido infatigavel na realização de tão benemerita obra, Agostinho Fortes, da Faculdade de letras de Lisboa e dr. Carneiro de Moura da Escola Colonial.

O thema dos cinco primeiras lições é interessantissimo e aos nossos leitôres recomendamos que não deixem de favorecer iniciativa tão levantada e de que as classes populares auferirão vantagens moraes e intellectuaes de valor incalculavel.

O REVOLTADO

Em consequencia dos ultimos acontecimentos, que arrastaram atraz de si uma inesperada suspensão de garantias, tivemos que adiar a sahida do nosso jornal, bem contra nossa vontade.

O Revoltado, vae ser um jornal do povo e para o povo; como tal sem coação de especie alguma, apenas se occupará dos problemas que ao paiz e ao povo interessem.

Dentro do campo doutrinario, muito ha que dizer e fazer, onde, sem retaliações, abordarêmos todos os assumptos n'esta tribuna creada para os fracos e humildes.

A empresa proprietaria, composta de filhos do povo e de trabalhadores, ao tomar tão pesado encargo para com o paiz inteiro, quiz apenas crear um jornal doutrinario e de utilidade para o povo, deixando-o á jurisdicção do cidadão que o dirige que é sobejamente conhecido e inutil se nos torna apresenta-lo com os costumados adjectivos que o povo já não toma a serio.

Durante a suspensão de garantias, o Revoltado, aguardará a hora de ver a luz do dia para seguir então a sua linha de combatente, que manterá inalteravel em todas as fazes da vida politica porque, jornal doutrinario e do povo, sabe bem o respeito que á lei se deve.

♣

AOS FERRO-VIARIOS

CARTA ABERTA

Em consequencia do jornal politico—*«O Revoltado»* só ser publicado depois da suspensão de garantias, damos no *«Zé»*, publicidade á carta do nosso particular amigo e presado collega de redacção Laranjeira, a fim de não perder a opportunidade a aclaração da sua attitude futura:

Meu querido amigo e director:

Muito grato lhe ficarei, dignando-se auctorisar a inserção d'esta carta, no nosso jornal d'hoje, para assim aclarar situações:

Tendo sido procurado na redacção e em varios locaes por velhos amigos e dedicados collegas, que teem desejado saber e instado com a minha humilde pessoa para definir publicamente qual a minha attitude futura, perante a illustrada classe ferro viaria, visto que do seu seio estive ausente desde abril de 1907 a Dezembro de 1911, em consequencia de ter sido indicado aos altos poderes da companhia como *unico* auctor de inumeros artigos julgados perniciosos para o seu bom credito e disciplina, que necessita manter entre a sua numerosa legião de trabalhadores, é-me grato declarar que, de futuro, a minha attitude, é a da maior independencia e absoluto afastamento de grupos, sejam elles formados por bem ou mal intencionados.

A ninguem, de facção alguma politica, eu devo a minha readmissão ao serviço da companhia onde, durante largos annos, não commetti a menor falta (e até hoje) que deslustrasse o meu nome; aos illustres amigos que tão desinteressadamente e em nome da justiça, (note se bem) entenderam readmittir-me, eu só devo o penhor da gratidão a que não sei faltar.

A' classe ferro-viaria, como a politicos, não lhes devo a menor prova de consideração de especie alguma.

Depois de cinco annos de dura experiencia dos homens e do mundo, depois de tanta ingratidão em troca de serviços de toda a ordem que a todos prestei, resolvi distribuir a minha estima, lealdade e dedicação, por um resumidissimo numero de amigos que pela sua posição social, pela sua illustração e bondade, me teem honrado e favorecido, em transes bem difficeis e escusados.

Hoje como hontem, saberei intransigentemente quanto devo honrar o meu logar, quanto respeitar a sociedade, e procurarei não ter que transformar a minha modestissima pena, em azorrague, para desmascarar certos tartufos que pretendam confundir a minha benevolencia em covardia.

Descancem os orientadores da illustrada classe celebres (?) desde 5 d'outubro de 1910, que não os irei ensombrar, fazendo votos para que a sua *popularidade* não lhes suba á caixa da intelligencia, o que seria uma *calamidade* para a illustrada classe, senão, uma *perda nacional.*

Ora aqui teem, os velhos amigos, qual a orientação do desiludido que saberá seguir o seu caminho antes só que... mal acompanhado.

Lisboa, 3 de fevereiro de 1912.

Rodrigues Laranjeira.

♣

NOTAS A LAPIS

Numa tabacaria.—Ahi por alturas da rua da Palma, ha uma tabacaria, onde, ás vezes, descansamos momentos, attrahidos pela sinceridade do dono da casa, um apaixonado pela republica, e ainda pela singeleza de muitos frequentadores, todos elles bem intencionados, alguns operarios que procuram ser conscientes neste nosso meio em que só a audacia parece vencer.

Dizia um d'esses operarios, convencido e sincero: «A patria é uma cantiga, o trabalho não tem patria!» Prestamos homenagem á sinceridade com que essas palavras eram proferidas, mas lembramos que não é bem assim. Quem não tem patria, infelizmente, é o capital. O trabalho do homem, esse têm-na, quanto mais não seja determinada pela adaptação ao meio, por influencias atávicas e por condições materiaes e moraes, que pesam sobre os homens, superiormente á sua vontade. O trabalho tem patria, tem; o que é necessario é que todos nos esforcemos para que essa patria seja um meio proprio para o desenvolvimento da nossa actividade, e para a affirmação da nossa individualidade.

♣

Que bucha!!!

José de Azevedo, como ontem dissémos, foi para a fragata *D. Fernando* e, por um principio de equidade, metido no porão onde foi escolhido para rancheiro.

D'*O Mundo* de 1-2-912.

Ora aqui 'stá um caso singular,
Que nos deixou um pouco embasbacados.
A vida tem ás vezes maus boccados,
Que dão alguma coisa que pensar...

Um homem foi ministro. Deu-lhe um ar
E desde que findaram os reinados,
Tem corrido montanhas e vallados,
N'uma fadiga insana, a conspirar!

Agora vinha o melro, ás escondidas,
Alimentar desordens e sortidas,
N'um gesto que a perfidia lhe ordenava.

Mas os policiaes deitam-lhe o gancho
E obrigam o homemsinho a fazer rancho!!...
... Por esta é que o patife não esp'rava!...

31 DE JANEIRO

Vinte e um annos precisos são passados que, nas ruas ingremes do Porto, por uma madrugada nevoenta, que do rio se erguia envolvendo toda a cidade, as espingardas vomitavam fogo e as bocas se erguiam em enthusiasticas saudações a uma patria redimida e livre.

As vozes emmudeceram, as espingardas calaram-se e d'um extremo a outro do pais entorpecido, houve como que um desanimo ainda mais profundo do que até então existira, como se todas as esperanças de resurgimento houvessem desapparecido com os humildes e obscuros filhos do povo, que á causa da Patria haviam sacrificado; n'um grande desprendimento de heroes, todo o seu futuro, toda a vida, firmando com o seu sangue generoso e bom o protesto contra a vilania que tudo empestava.

Mas esse momento de desanimo foi o ultimo d'um longo periodo de espasmo e torpor, em que a nacionalidade parecia ter mergulhado para sempre.

Como se cada um dos mortos nas ruas do Porto, em 31 de janeiro, se erguesse da campa, augusto e incorruptivel, apontando o caminho a seguir, por toda a parte, dentro em pouco, surge o desejo ardentissimo de se libertar o pais desejo vehemente que, exteriorizando-se, dia a dia, hora a hora, se havia de transformar em torrente impetuosa contra a qual não houvesse diques possiveis.

O 31 de janeiro poderia ter sido um aviso para a monarchia, se esta, como todas as instituições condemnadas, não estivesse já inquinada de todos os males e procurasse enveredar por um caminho altamente patriotico e salvador. Mas, não; o 31 de janeiro foi para a monarchia o grito de alarme que leva os criminosos, dementados e perdidos, a porfiarem na pratica do crime, em vez de ainda a tempo se salvarem do abysmo. Não houve loucura que não praticasse, crime que a fizesse recuar, perseguição que a fizesse hesitar.

D'isto resultou que cada passo dado, era mais uma passada para a morte, passada tetrica e lugubre, que poderia ter levado com as instituições a propria nacionalidade. Mas não arrastou esta na sua queda, porque esses homens obscuros, que, sahindo na madrugada de 31 de janeiro a aclamar a Republica nas ruas do Porto, foram dormir a noite d'esse mesmo dia no cemiterio do Repouso, lá estavam na sua mudez de cadaveres, mais eloquente que a eloquencia de todos os tribunos, a indicar o caminho, a mostrar qual o porto que a Patria deveria attingir.

Honremos, pois a memoria dos lidimos salvadores do Povo Português, de todos esses obscuros e humildes, cujo nome se perdeu para se confundir e conjugar com o da Patria.

♣

AO PUBLICO

Sobre a nossa banca de trabalho, já se aglomeram pedidos e reclamações, que por si só fariam dez *Revoltados* sem aborrecerem os leitores.

A todos iremos attendendo, sem deixarmos de accudir urgentemente, á situação deploravel em que se encontram os amanuenses dos extinctos Commissariados de Instrucção Primaria que, bem dignos são de comiseração dos altos poderes.

Com tempo, todos dirão da sua justiça no *Revoltado*, que sairá logo que entremos na normalidade constitucional. E escusamos de pôr mais na... carta.

ISTO SÓ ASSIM

E AGORA VIVA EU!!!

E' padre e basta...

Não acabam os padres para a collecção d'esta minha galeria semanal.

Todos os dias recebo cartas em que os *santos tonsurados* são *alvejados* pelo descontentamento da maioria publica.

Trata-se hoje do procedimento rebelde que o prior de Villa Nova da Rainha, concelho do Tondella, tem tomado n'estes ultimos tempos.

Aquelle prestante *cidadão* de Roma vendo como ultimamente tem caminhado as cousas para a Egreja Catholica, apostolica e romana, procura todos os meios de consitar o povo contra as instituições vigentes.

Tem sido enorme a propaganda jesuitica que este *papião-Joanna* tem desenvolvido na sua freguezia, a ponto de secundar a sua revolta em Nagosela freguezia de Freixêdo em cuja capella diz *missangas*...

Este *tubo digestivo* de Christos bolorentos já foi processado duas vezes pelas suas *valentonas* campanhas contra o regimen.

Ha dias este padreca das duzias leu, do pulpito, a portaria que castigou o bispo de Vizeu *meu amigo de Peniche*, comentando, maldizendo a Republica portugueza e barafustando contra nós republicanos sinceros.

Não eram só os comentarios que fazia sobre a nossa constituição politica, era tambem a forma traiçoeira, vil, cynica e brutal como sobre todos os democratas e livre-pensadores elle despejava a sua baba peçonhenta para macular a nova orientação politica que o povo escolheu em 5 de Outubro e ainda um d'estes dias foi defendida nas ruas de Lisbôa.

Acabou por excomungar-nos a todos, excomungando tambem todos os populares que tranzigissem com a nova forma politica que tantos sacrificios nos custou para implantar.

O povo ficou todo aterrorisado depois que aquelle aspirante a bispo de Beja lançou as suas maldições.

Os crentes hesitavam entre o dever politico e a convicção religiosa, que elles acalentam como uma parte do seu ser...

O padre em questão não lhe bastando aconselhar ao povo o desrespeito pelas instrucções dimanadas do governo acêrca das cultuaes tem a desfaçatez de perseguir toda a possoa que lhe não seja affecta...

E' este e outros factos semelhantes que precisam severos correctivos não só por parte das autoridades para fazer respeitar o novo regimen mas tambem todo o cidadão que presa a republica e a sua patria deve axiliar as instituições fazendo callar a voz malevola d'esses *gaiteiros celestes* que pretendem desasocegar o espirito do nosso povo, que é bom e honrado.

Se aos Padres a republica desagrada que implorem a Deus as suas bôas graças para terminar com a nova forma politica que ha um anno nos governa.

Mas creio que por muito que os padres suppliquem não conseguirão derrubar os poderes constituidos desde que o povo se não deixe illudir por elles.

Não é o poder divino, ou o poder dos Padres, o que faz e desfaz nações, é a força dos povos o que constitue e desconjuncta nacionalidades.

Eduque-se o povo e este que se convença que a mentira religiosa é quem o illude para o comprometer perante as leis e perante a Razão.

O poder dos Padres assenta na sua pouca instrucção, na sua ignorancia, promettendo aos fieis a paz e a felicidade na outra vida em quanto os *papa hostias* teem o grande regabofe n'este mundo sem se importarem dos bens do Paraizo, que elles promettem a toda a gente.

Leitor amigo crê no que eu te digo, que não sou padre por minha e tua felicidade e não pretendo enganar-te.

Quando algum *come-christos* te mostrar bons modos, desconfia d'elle, anda fazendo-te cerco á bolsa do dinheiro.

Chacon Sicillani.

♣

Salão Trindade

E' um dos melhores animatographos de Lisbôa, senão o melhor, e por isso o recommendamos ao publico. Ouve-se alli optima musica, bem escolhida e bem executada pelo sextetto Caggiani e correm-se fitas das casas mais acreditadas no estrangeiro. Foi o Salão Trindade que trouxe a Lisboa a *Escrava branca*, *As victimas do Mormon*, *Notre-Dame de Paris*, etc. etc. A's terças e sextas-feiras, noites escolhidas pela empreza para estreias de fitas, a concorrencia é tal que os bilhetes se esgotam e gente ha que se retira por não ter logar. O remedio é ir cedo pois que as sessões começam ás dezanove e trinta.

Os tumultos

E' na páe! que zaragata!
Mas que enorme lagariça!
Correu-se gente á batata!
Correu-se gente á nabiça!
Houve bulhas, houve brigas
E tapona do diacho.
Facadas no foll' das migas
E canhões p'la bocca abaixo!
Essencia de *chanfalhite*,
Panellas d'agua a ferver,
Cartuchos de dynamite
E a nossa cosinha... a arder!...
Houve sabradas na espinha,
Chanfalhadas pelas trombas,
Com cravo de cabecinha,
Ai! filhos, que cheiro a bombas!...
Houve tiros ás carradas,
Toda a especie de explosivos,
Pão duro, nóses, granadas,
Não ficaram homens vivos!...
Com tamanha destruição,
Toda a gente andava a tróte
E até as pedras do chão
Dançaram o chifarote!...
Corria o sangue nas ruas,
Nas travessas e calçadas,
Creanças andavam nuas
Com as roupas encharcadas!...
Vimos um morto a correr,
Mais mudo que um alarido,
Constantemente a dizêr:
— Agora é que estou... perdido!...
Todos os surdos fugiam,
Ao fim da rua do Meio,
Assustados quando ouviam
O estrondo do tiroteio!...
Manetas de mãos no ar
E côxos aos pontapés,
Homens parados a andar...
Mas que serie de banzés!...
Os velhos pediam chucha
E até um rescem-nascido
Pediu á mãe uma bucha,
Caso houvesse pão partido!...
Houve moscas por cordeis,
Para augmentar o banzé!
Foi um d'estes aranzeis,
Que só ficou um de pé.

O Zé.

♣

De brincadeira

Os srs. Camillo Rodrigues e Alvaro Pope trocaram duas balas sem resultado. Estiveram a brincar aos duellos...

A arte caminha

Acabamos de receber uma circular da Sociedade de Amadores Dramaticos que, se propõe levar a cabo uma das mais arrojadas e importantes iniciativas dos ultimos tempos—divulgar por meio da interpretação na scena, as producções dramaticas dos mais laureados e consagrados auctores estranjeiros e portuguezes.

As peças escolhidas são as de these para a preparação de sentimento e do culto pela arte da parte do povo tão arredado da educação e do amor pelo theatro, pedra basilar por onde aquilatamos da grandeza dos seus ideaes e nobreza do seu caracter.

Confiamos, que o grupo de illustrados rapazes que tão desinteressadamente vão contribuir para o rejuvenescimento do theatro portuguez, saberá arrostar com o egoismo dos imbecis e com a indiferença dos empatas.

Contem com o nosso fraco auxilio e para a frente é que é o caminho. Lembrem-se que Eça de Queiroz, já dizia: A transformação da nossa nacionalidade ha de operar-se pela arte!

♣

Ao correr da fita

—Então, visinha, que me diz aos acontecimentos?

—Que hei de dizer? Olhe, dizem que o governo vae...

—Schiu...

—E dizem que os grévistas tembem...

—Schiu...

—Tambem já me constou que os reaccionarios...

—Schiu...

—E olhe que os conspiradôres parece que...

—Schiu...

—E hontem corria que brevemente...

—Schiu...

—E ainda a visinha não sabe tudo. E' provavel que...

—Schiu...

—Isto tudo está...

—Schiu...

—Vamos a vêr se...

—Schiu...

—Schiu...

—Schiu...

—Schiu...

—Schiu... schiu... schiu...

—Vá... p'rá Torre do Bugio!...

Antes assim

Tendo corrido versões varias a proposito das prisões ultimamente effectuadas em nome da ordem e da segurança da Republica—dizia-se por ahi, embora ciciando baixinho pelos cantos da rua, que alguns officiaes generaes estavam em poder da justiça como implicados no desastrado e lamentavel movimento. Segundo um claro desmentido da Lucta, jornal que se impõe pela sua auctoridade profissional, vemos o infundamento de semilhantes versões.

Foi sempre a nossa impressão, porque conhecendo bem um dos illustres generaes visados, reputamos de calumnia, o que se dizia. Não é para extranhar visto que conhecemos muito bem tão illustre dama e não menos quem habilidosamente lhe dá o braço por esses botequins onde se fazem e desfazem reputações por barato preço. Mais uma vez os boateiros perderam a caçada.

A verdade triumpha sempre. Antes assim.

♣

O Procopio, coitadinho,
Casou no mez de janeiro,
Escorregou no caminho...
Deu co'as ventas n'um lameiro.

Em casa com a consorte,
Não sei o que esta lhe fez...
Já é ter mui pouca sorte!
Torna a cahir outra vez...

Zé Pequeno.

♣

ARTISTAS DRAMATICOS

Cae tambem sobre a nossa banca de trabalho, como um brado disperso n'um deserto, o relatorio da gerencia da sua illustrada e incansavel direcção que, tem procurado levantar a Associação aos pincaros do prestigio a que tinha jus, se a classe, bem soubesse cumprir os seus deveres.

Raro é o dia, em que não fallamos no rejuvenescimento da patria e do povo, e no final tudo na mesma; ainda se admitte no operario inculto, a sua indifferença pela associação, mas ao artista dramatico, que hoje tanto pugna pelos seus direitos, tanto brada aos quatro ventos pelo prestigio a que se diz com direito—não se comprehende o seu afastamento do seio da sua associação, a quem tantos e tão relevantes serviços deve.

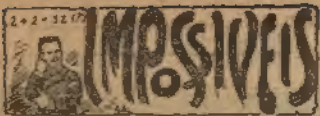
Penalisa vêr, como a classe comprehende os seus deveres civicos, e nem ao menos com a magra quota mensal contribue. Só durante o anno findo, foram eliminados 57 socios por falta de pagamento! E' bem eloquente a nossa forma de encarar os nossos deveres e direitos. E ainda ha quem seja carola com tão ingrata gente.

Tout passe tout-casse tout-lasse

Ha fé e... velhacaria

Havia falta de gado
Lá para Ponte de Sôr;
O mulherio, já ralado,
Foi ter c'o padre prior.

—De mãos postas, reverentes;
Diz o padre, um bom pastor;
As beatas, muito crentes,
Pedem carne ao Creador...

Zé Pequeno.

—Havêr dinheiro que chegue para sustentar os prêsos.

—O Bernardino Machado deixar de fazêr asneiras.

—O Zuzarte não se parecêr com o João de Castro.

—A bengala do Laranjeira não levar umas gáspeas.

—A ponteira da dita não sêr maior que a propria bengála.

—O Ramos sabêr d'onde ha de sér administradôr.

—O Chacon deixar de levar sêllos e caçar padres.

—O electricista não andar sempre... com *electricidade.*

—Não havêr d'aqui a pouco mais tribunaes que sardinhas.

—O Sr. Batalha ter medo das bombas.

♣

A Santa historia

«O Excelsior,» jornal de *reputados* meritos e conhecidos processos, diz ao mundo inteiro, que no hotel em Dover, tivéram uma larga conferencia os Braganças Miguel e Manuel. Bordando largas considerações, pinta em côres convencionalistas, o risonho semblante que apresentava em especial o Sr. Manuel de Bragança.

Seja como fôr, verdadeira ou não a noticia do preclarissimo collega francez *«O Excelsior,»* podem os pretendentes fazer quantas *ententes* quizerem porque estão no seu plenissimo direito, o que podemos affiançar ao *«Excelsior,»* é que as uvas estão verdes e semilhantes rapozas nunca chegarão a trincal-as! Isto cá, foi chão que deu fructo; agora, outro officio, outro officio, caro amigo *«Excelsior.»*

♣

SÃO ORDENS

O lapiz azul da negregada sensura, ordena-nos que não podemos dár claros em substituição dos artigos que se reteriam aos acontecimentos. Leitor amigo, já comprehendes que fomos fusilados... interinamente.

Com paciencia, aguardamos a hora de desopilar o figado.

Bolas, e bolas para tudo isto.

♣

EDUARDO DE ABREU

Dizem de Braga, ter fallecido ao dar das 3 horas da tarde, este illustre entre os illustres cidadão dos raros homens de bem n'estes tempos tão ferteis para os imbecis e para os troca tintas. A sua passagem por esta curta marcha dolorosa que é a vida, representa uma gloria para a familia portugueza. A sua folha de serviços á sociedade, foi brilhante e das raras. Era um talento invejado, e a sua acção no parlamento ha mezes, provou-o bem.

Lega-nos um trabalho que o futuro ha de julgar—Projecto da Lei da Separação das Egrejas e do Estado.

E' sempre assim, a natureza rouba-nos os grandes espiritos e deixa a sociedade a braços com os imbecis.

Paz á sua alma.

THEATROS

Ainda hoje, os nossos numerosos leitôres e emprezas, não gosam do inefavel prazer de saborear a chronica theatral que com tanto brilho nos dá semanalmente o talentoso amigo e nosso colega de redacção Enrico Zuzarte, que como se sabe, tem tido seu querido pae o illustre general Zuzarte, enfermo, mas felizmente em via de restabelecimento.

Assim, nos vemos forçados a substituil-o por cumprimento d'um dever, em nome da permuta que entre emprezas e imprensa existe, de ha annos e que parece, se transformou em lei.

Theatro Nacional.—Dizem-nos que não mais sairá do cartaz os *Vinte mil Dolars* porque não somos menos que os Americanos onde a chistosa peça esteve 1500 noites no cartaz! Ainda bem.

Republica.—Hoje mais um espectaculo com a bella peça *A melhor das mulheres.* Ativam-se os ensaios para a chistosa peça *O botequim do do Felisberto.*

Trindade.— Em ultimas representações com a *Princesa dos Dolars* teremos em poucos dias a *Casta Suzana* que, vae causar sensação pelo seu primoroso desempenho e deslumbrante scenario e guarda roupa.

Apollo.—E' hoje o theatro querido, ou não esteja lá o notavel dramaturgo Eduardo Schwalbach. Temos a «prêmiere com *O diplomata dos figurinos* e «Pobre Valbuena» o que registará mais um successo para o illustre dramaturgo.

Gymnasio.—Entrou na estrada da felicidade; tambem não admira porque a empreza não se poupa a sacrificios e vejamos «*O Rei dos galunos.*

Rua dos Condes.—De braço dado com o *Fandango* e *Maxixe,* lá temos a bella opereta—«*Sonho de Fado*» que bateu o récord do successo theatral.

Variedades.—Theatro popular por excellencia é dos melhores no genero e onde o publico não cessa de rir emquanto fôr o *Pae Paulino.*

Colyseu dos Recreios.—Nunca mais deixamos de ter em Lisboa a companhia d'opereta italiana, rara é a noite que não tenhamos uma prêmiere. Em cada peça, um successo a registar para gaudio da empreza que é incansavel em proporcionar ao publico da capital espectaculos de sensação e quasi de graça.

AVENIDA

E' no proximo dia 15 que reabre este theatro, com a companhia dirijida pelo distincto actor José Ricardo que tão ruidoso successo acaba de obtêr no Porto.

A peça de abertura—é a notavel operéta *A Bailarina descalça.*

Animatographos

SALÃO DA TRINDADE.—E' um salão confortavel, com musica deliciosa e estreias por uma pá velha.

Digam lá se ha melhor divertimento no inverno!

CHIADO TERRASSE.—As fitas exhibidas são surprehendentes de nitidez. Por isso a concorrencia augmenta de selecção.

SALÃO OLYMPIA.—E' dos primeiros animatographos da baixa, já pelas estreias frequentes, já pelos concertos do septimino.

SALÃO CENTRAL.—Bellas estreias e soberba musica, requisitos apreciaveis e que contribuem para o bom nome d'esta casa.

GRANDE SALÃO FOZ.—O Custodio lá sabe arranjar uns bellos numeros de variedades para deslumbrar a freguezia! E as estreias semanaes augmentam ainda o valôr do espectaculo.

SALÃO CHANTCLER.—Quem goste de fitas falladas compre bilhete n'esta casa que não perde tempo.

SALÃO INFANTIL.— Os petizes são um encanto! Representam com uma perfeição extraordinaria!

SALÃO DOS ANJOS.— Fica um boccado longe, mas vale a pena ir até lá! Ora experimentem;

EPITAPHIO

Jaz aqui na fria lousa
Onde a humanidade tomba,
Como em procura d'abrigo,
Maria do O' de Sousa,
Que morreu por uma bomba
Lhe atravessar o umbigo!...

♣

'Stás um suisso!

O sr. Nunes da Matta disse que viu por cima da porta do parlamento suisso o seguinte:

«A salvação publica é lei suprema».

Aquillo foi para a gente saber que já foi á Suissa...

NA TOILETTE DO ZÉ

A modos que este frasquinho já não perfuma como d'antes!... Qual d'aquelles será o melhor?...